

CUT define seu apoio à Frente

Rio — O presidente da Central Única dos Trabalhadores no Rio de Janeiro, o ferroviário Carlos Santana, anunciou ontem o apoio dos 48 sindicatos filiados à entidade que representam mais de dois milhões de trabalhadores na base em todo o estado ao candidato da Frente Brasil Popular, Luiz Inácio Lula da Silva, no segundo turno das eleições presidenciais.

Santana justificou a atitude esclarecendo que para a CUT-Rio o que está em jogo não é a candidatura Lula, mas a defesa de um projeto de governo comprometido com as bandeiras de luta dos trabalhadores. A partir de agora, a orientação da central sindical aos seus filiados é para que não façam greves por motivos econômicos mínimos. "Os movimentos grevistas não devem ser inibidos em função da campanha eleitoral presidencial, mas vamos sair do economicismo e lutar por questões maiores", ensinou o líder sindical.

O apoio dos trabalhadores cuistas a Lula está condicionado à defesa intransigente do candidato da Frente Brasil Popular a sete pontos que fazem parte da sua plataforma de governo. O não pagamento da dívida externa, reforma agrária sob o controle dos trabalhadores, cálculos sa-

lariais pelo ICV do Dieese, democratização e defesa das estatais, ensino público gratuito e a defesa dos aposentados da Previdência.

Segundo o presidente da CUT-Rio, no primeiro turno não havia como a central sindical defender um único candidato progressista porque eram vários os que defendiam os interesses dos trabalhadores. "Além disso", lembrou, "o Rio de Janeiro é diferente dos outros estados e aqui as bases sindicais já tinham escolhido Leonel Brizola. E se fosse ele o eleito para o segundo turno o apoio da CUT seria natural", informou. Carlos Santana defendeu Brizola dos ataques que desferiu à central no decorrer da campanha eleitoral. "O projeto político de esquerda é maior do que brigas entre candidatos".

Para Santana não é estranho que o presidente da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), Antonio Rogério Magri, dê seu aval à candidatura Collor de Mello. "Nesta campanha do segundo turno estaremos diante de dois extremos, o capital contra o trabalho. O que está em jogo é a esquerda contra a direita. Os sindicatos são as vias mais fáceis de conscientização das massas para a viabilização da eleição do candidato que represente os interesses dos trabalhadores.